

A ENCARNAÇÃO BEM ENTENDIDA

MAITE URIBE BILBAO



A experiência das Assembleias deixou-nos sabor de encruzilhadas, paradoxos e dilemas, como nos dizia Joaquín García Roca, que nos convidam a estar despertos, inquietos, vigilantes, para superar resistências e inércias, e sobretudo para juntos podermos apostar pelo Reino com imaginação e criatividade. Encruzilhadas, paradoxos e dilemas, que nos fazem crescer sempre. Não nos paralisemos face ao cruzar de caminhos, dificuldades e resistências.

Também para Pedro Poveda o período de 1918 a 1924 foi um tempo forte e intenso de encruzilhada, que lhe pediu reflexão, estudo e discernimento, para consolidar uma Obra que tinha recebido a aprovação diocesana em 1917 e procurava abrir-se a novas culturas, a novos desenvolvimentos organizativos, a novos desafios. *Agora toda a minha atenção, todas as minhas influências e todos os meus recursos devem empregar-se em consolidar a Instituição Teresiana, que é a Obra de Deus*¹. Foi um período de questionamentos fortes a uma Obra que ia contracorrente, por isso os escritos dessa época, fruto da sua profunda convicção do valor de uma Obra de Deus, nos guiarão no sexénio 2018-2024 para levar por diante com fidelidade criativa as orientações das Assembleias e prepararmo-nos para celebrar em 2024 o centenário da Aprovação pontifícia.

“BUSCADORES” DO HUMANO

Quando em 1915 se celebrava o IV Centenário do nascimento de Santa Teresa, as Academias Teresianas, nascentes, se uniram à celebração de tal acontecimento, como outras muitas realidades educativas e religiosas na Espanha daquela época, porque um dos temas da atualidade cultural e social nesse momento era “a reforma do *homem*”. Recuperar o homem num mundo desumanizado.

Também Poveda, desde os seus primeiros anos de sacerdote, e durante toda a sua vida, sente a paixão pelo homem, pela pessoa humana. Buscador do humano, diz-nos Flavia Paz Velázquez, *Poveda percebe como valor supremo do homem, a possibilidade do encontro com Deus, em quem descobre o sentido da sua existência*².

E porque não pode evitá-lo, continua a comentar Flavia Paz, Poveda pensa no sistema de ideias e sobretudo no estilo de pessoa que chega de outras propostas diferentes das que ele mesmo faz às Professoras da Normal e procura com lucidez crítica o ideal de pessoa que deseja ver realizada na sua Obra... E, depois de trocar ideias com Josefa Segovia, Pedro Poveda expõe as suas sobre um novo perfil humano, num texto que, pela sua visão sobre o estilo de espiritualidade dos seus colaboradores, se tem feito programático para a Instituição Teresiana³.

Expressa-as numa carta que dirige a Maria del Mar Terrones⁴, uma jovem médica, moderna, audaz, que se inicia no estilo que Pedro Poveda queria para a Obra, depois de ler um artigo de um padre agostinho sobre a Santa.

“Atendo apenas ao *carácter eminentemente humano* daquela vida, por outro lado, toda de Deus, *cheia totalmente de Deus* (...) é, sem dúvida, Santa Teresa de Jesus uma das almas mais generosas e simpáticas que desceram a este mundo”.

1 Pedro Poveda ao bispo de Burgo de Osma, 4 novembro 1923 em “*Creí por esto hablé*” pág. 363

2 Flavia Paz Velázquez, *Una Institución se abre camino*, Ediciones Narcea 1997, pág. 11.

3 Cfr. 1.

4 Carta de Pedro Poveda a Maria del Mar Terrones. Jaén, 9 de abril de 1915.

Carácter eminentemente humano. (...) Eu desejo que a nossa Obra seja assim. Não vos parece um acerto que a nossa empresa tenha o nome de teresiana?

Aquela vida toda de Deus. Assim tem de ser a vossa vida: toda de Deus. Mas sendo de Deus toda, deve distinguir-se pelo carácter eminentemente humano, o qual, configurado por uma vida toda de Deus, se aperfeiçoa, mas não se desnaturaliza.

Que assim foi Santa Teresa, quem o duvida? E que, porque o foi, conquistou tão universal simpatia. Como não reconhecê-lo? Se aquela vida era toda de Deus, poderia não ser generosa?

Cheia de Deus. Sim, do Deus que fez o humano para o aperfeiçoar e não para o destruir. (...)

Eu penso sim, em vidas muito humanas; casas onde o humanismo impere. Mas como entendo que essas vidas não poderão ser tal como as desejamos se não forem vidas de Deus, pretendo começar por encher de Deus os que hão de viver essa verdadeira vida humana; por consagrar a Deus os membros da família em que há de imperar esse verdadeiro humanismo. (...)

Pretender destruir o humano? Jamais, é uma quimera. Tentar a perfeição do humano por meios diferentes? Vão empenho. Prescindir de Deus para aperfeiçoar a sua Obra? Néscia ilusão. Não te parece simplicíssimo o procedimento, racional o processo e infalível o resultado do sistema? (...)

A humanidade foi assumida pelo Filho de Deus para não a deixar nunca mais (...)

A Encarnação bem entendida, a pessoa de Cristo, a sua natureza e a sua vida dão, para quem o entende, a norma segura para chegar a ser santo, com a santidade mais verdadeira, sendo ao mesmo tempo humano, com o humanismo verdade. Sendo assim, seremos generosos e a nossa Obra será simpática. Modelo? Santa Teresa de Jesus... ”⁵.

Este paradoxo foi escolhido pela XVIII Assembleia Geral, para acompanhar este primeiro ano do pôr em marcha as suas orientações e acordos.

É uma maneira de apresentar uma tensão própria à vida espiritual: expressar de maneira dinâmica duas realidades que não se opõem, mas se integram, não se excluem, mas se completam, porque se tecem e entretecem, se articulam, e nos convidam a vivê-las de maneira harmónica, própria da espiritualidade de encarnação que Pedro Poveda quer para os colaboradores de uma Obra que é Obra de Deus.

O paradoxo, a tensão entre dois elementos, permite entender, compreender, harmonizar e valorizar cada um deles, sobretudo quando se vivem partindo de um profundo diálogo interior.

A Carta a Diogneto expressa-o com as suas próprias palavras quando diz que “os cristãos não se distinguem dos outros homens nem pela nação, nem pela sua linguagem, nem pelos seus costumes... obedecem às leis estabelecidas, *mas com o seu modo de viver superam estas leis*”. Uma atitude positiva e pacificadora, que lhes permite viver no meio da sociedade, com simpatia diante de tudo o que é humano, porque são cidadãos como os outros, mas no plano da ética, há práticas que não as fazem suas, ainda que lhes custe a vida, porque são vigias de uma Boa Notícia que transforma radicalmente as relações humanas. O segredo? Saber-se habitados interiormente pelo Deus de Jesus.

5 *Creí, por esto hablé*, "Verdadero humanismo.Toda de Dios" - 9 abril 1915, [74]

Vinte séculos mais tarde, o Concílio Vaticano II fa-lo-á seu, num dos textos mais importantes do Concílio: *As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração*⁶. Convicção vivida na tensão espiritual tão querida por Poveda, quer dizer, sem se retirar, nem se separar, sem se deixar alcançar pelo medo de ser minoria, e sem grandes alardes desnecessários; pelo contrário, procurando unir forças, para construir uma cidade mais humana, sendo sal e fermento, levando com eles o segredo de uma Presença amiga, que nada nem ninguém lhes poderá tirar.

É a humilde pedagogia do quotidiano, que presta atenção com um olhar que discerne, o que nasce, o que cresce, o que surge de novidade, para valorizar o essencial e deixar de lado aquilo que parece secundário, para não cair num perigo que pode ameaçar-nos: a *globalização da superficialidade*⁷.

Pedro Poveda queria que estivéssemos, como ele esteve no seu momento, atentos e inquietos e à escuta dos tempos em que vivemos, tempos desafiadores, tempos difíceis, e simultaneamente os nossos tempos, o aqui e o agora para os quais Deus nos chamou e confiou uma vocação missão.

De certa maneira Poveda diz-nos que a Encarnação, bem entendida, é o princípio e a origem da missão-vocação que Jesus propôs aos seus discípulos, que ele propôs às colaboradoras das primeiras Academias, e que hoje acolhemos como inspiração profética para a nossa vida.

Em tempos de grandes mutações, numa época como a nossa, de transição acelerada, pluralista e às vezes contraditória, Poveda sublinha de maneira dinâmica aquilo que permite ajudar a pessoa a alcançar a sua verdadeira vocação humana.

Por isso gosta do paradoxo, como expressão de tensão humana e espiritual, porque não só ajuda a compreender melhor este mundo em que vivemos, mas, sobretudo, a apresentar de maneira dinâmica alguns equilíbrios da vida humana que só podem manter-se na atenção e no respeito pela complementaridade, pela diversidade, pela riqueza das diferenças que nos apresenta a realidade em que vivemos.

Uma realidade cada vez mais complexa, com múltiplas aspirações e expressões religiosas, com convicções de sentido, também plurais: a nossa realidade. A realidade, a que Deus nos envia, o lugar teológico onde Deus sai ao nosso encontro, onde a missão e a vocação nos convidam a reconhecer em cada rosto a humanidade de Jesus.

Neste momento da história da humanidade, e pensando nas sociedades em que estamos presentes, uma questão fundamental é como entrar nelas “somando e não diminuindo, num tempo que será daqueles que saibam incorporar e incluir”⁸.

Alguns paradoxos, ou dilemas desenvolvidos por Pedro Poveda nos seus escritos são -nos familiares e motivadores. Recordamos entre outros: identidade e missão, fé e ciência, oração e estudo, transigentes e inquebrantáveis, naturalidade e laboriosidade, fortaleza e amor, singulares no interior e comuns no exterior.

6 *Gaudium et Spes*, Cap I.

7 Adolfo Nicolás, s.j.

8 Joaquín García Roca, Los Negrales 2018.

Abordar o dinamismo de cada um deles permitir-nos-ia entender a originalidade da espiritualidade de encarnação que Pedro Poveda quis para os cristãos que se inspiram no seu carisma. A XVIII Assembleia Geral, propõe ir aprofundando alguns ao longo deste sexénio e escolheu para 2019: *eminentemente humanas e todas de Deus*.

Foi-nos oferecido para que possamos atualizá-lo, entendê-lo, fazê-lo nosso, e para que neste ano pós-Assembleia possamos renovar a nossa maneira de ser, de estar e de atuar, tanto na nossa vida pessoal como nas diferentes expressões de uma vida associada como a nossa, a família, a profissão, as diferentes atividades de missão, os espaços comunitários, os grupos, etc.

A NOVIDADE DA ENCARNACÃO ATRAVESSA O NOSSO SER, ESTAR E FAZER

*QUANDO CHEGOU A PLENITUDE DOS TEMPOS DEUS ENVIOU O SEU FILHO,
NASCIDO DE MULHER (GAL 4,4)*

A Encarnação é plenitude, plenitude da comunicação de Deus, da proximidade de Deus, da revelação de Deus. É interessante pôr em paralelo este texto de Gálatas (4,4) com outro de Paulo aos Colossenses (1,15) no qual afirma: *“Cristo é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação”*

Para Paulo, Jesus é a imagem do Deus invisível, e com isso reflete um dos desejos mais profundos do ser humano: ver Deus. Os nossos contemporâneos desejam não só ver Deus, mas que lhes mostremos onde está Deus. E sabemos que quando os desejos mais profundos do coração humano encontram resposta, ainda que seja parcial, favorecemos-lhes uma experiência dessa plenitude a que nos sentimos chamados: procurar e reconhecer Deus, entrar em relação e em amizade com Ele.

Por isso apresentar a nossa missão-vocação, a nossa espiritualidade, partindo da experiência profunda da Encarnação, tem consequências muito importantes para o nosso estilo de ser, estar e fazer, para o nosso estilo de vida, para a experiência crente que queremos viver e partilhar inspirada no carisma de Poveda.

“Que é o homem para te lembrares dele? (...) Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submeteste a seus pés” diz-nos o salmista no Salmo 8.

É necessário entender as consequências da Encarnação, para a poder expressar e viver da maneira mais adequada. E uma primeira consequência fundamental é o olhar de Deus sobre a pessoa humana. Para Deus, toda pessoa e cada pessoa é uma maravilha, digna de uma atenção única e inestimável.

Experimentamos cada dia, em diferentes campos da cultura e do saber, a enorme capacidade e riqueza da pessoa humana e juntamente com isto o grande desafio de sermos pessoas eminentemente humanas, porque implica entender que é ao mesmo tempo dom e tarefa, graça e responsabilidade, germen e fruto, caminho de crescimento e promessa de plenitude.

Estarmos chamados à plenitude do ser, do estar e do fazer significa estarmos chamados e enviados a sermos plenamente humanos, a humanizar todas as dimensões da nossa vida: as relações, a gestão do nosso agir profissional, familiar e social, a cultura, a dimensão institucional, o tempo e o espaço.

Jesus partilhou com os seus discípulos duas experiências fundamentais: o estar com eles, por isso lhes deu espaço e tempo, e o dar-se a si mesmo, o entregar a sua vida até ao fim. Dar espaço e oferecer tempo, disponibilidade, escuta, num mundo tão frenético e apressado é uma arte de viver que todos devemos cultivar. Espaço e tempo para ser, para falar ou estar em silêncio, espaço e tempo para existir e deixar existir o outro. O Deus de Jesus deixa-nos um espaço tão grande, oferece-nos uma tal liberdade, que às vezes nem sequer percebemos a sua presença. Deus não nos incomoda, deixa-nos respirar⁹.

Em Jesus, Deus oferece-se incondicionalmente, sem se reservar nada, “*tendo amado os seus, amou-os até ao extremo*”¹⁰. O seu amor é um amor que liberta, e não possui, um amor que oferece espaço e tempo à escuta, à conversa, à palavra que abre e não fecha, não conclui, porque é encontro, intercâmbio, enriquecimento mútuo, deixa à pessoa a liberdade de reconhecer o seu próprio caminho de procura para imaginar com esperança o futuro. A nossa esperança está no espírito de Deus que olha a confusão e o caos das nossas vidas, para as recriar, para as abrir à verdadeira vida.

Quando lemos os relatos da criação na Bíblia, descobrimos a pessoa humana como fruto de um ato criador de Deus, um ato de amor e de confiança, “*Façamos o humano à nossa imagem e semelhança*”, uma promessa de vida e de eternidade à imagem de Deus.

Desde esse mesmo momento o ser humano é um ser vocacionado, chamado a manter-se numa tensão amorosa e livre ante o olhar de Deus, a ser ele mesmo e a viver-se em relação, em alteridade, numa cercania e numa proximidade particular e única com Deus.

E tudo isso ao estilo de Jesus, o salvado e o salvador, o ressuscitado e o dador de vida, o primeiro entre todos, o único plenamente homem e plenamente Deus, em quem a promessa está cumprida, e que é para nós a chave da compreensão do que significa viver, viver plenamente, viver para sempre, viver em e a partir do amor, um amor recebido e comunicado e numa total e definitiva reconciliação connosco mesmos, com os outros, com o universo e com Deus.

Isto, às vezes, pode pedir-nos ir contracorrente, romper com as maneiras que nos oferecem hoje as sociedades em que vivemos: a sede de poder, de dominar, de possuir, de triunfar a qualquer preço, e não nos deixarmos apanhar por isso. No mais comum da nossa vida quotidiana, ser plenamente humanos e de Deus, é um convite a interiorizar um estilo de ser pessoa e de viver a nossa cidadania integrando a tensão de quem quer que o Reino de Deus se faça próximo, encarnado, de que se abram espaços de verdade, de justiça e de paz para todos, nas relações pessoais, familiares, sociais e políticas.

Esta tensão espiritual é a única condição para abrir a realidade, em que nos movemos, ao mistério de Deus, ao desejo de Deus, e de que Deus se encarne de novo na história através de gestos humanos. Isto é o que queremos expressar quando afirmamos que a Encarnação é plenitude da comunicação de Deus, da proximidade de Deus, da revelação de Deus.

⁹ Timothy Radcliffe, *El borde del misterio, Tener fe en tiempos de incertidumbre*, págs. 20 y ss.

¹⁰ Evangelho de São João, (13,1).

Uma plenitude que se encarnou em Jesus, nascido de Maria, a quem todos podemos imitar, porque como nos recorda Pedro Poveda: “De Cristo todos podemos copiar, seja qual for o nosso temperamento, idade, condição, sexo e profissão e, ao imitá-lo não destruimos o nosso modo especial de ser dado por Deus, mas elevamo-lo e santificamo-nos”¹¹.

Na plenitude dos tempos nasceu Jesus, Deus encarnado, o Emanuel, o Deus humano com os humanos, de quem podemos aprender a ser plenamente humanos e de Deus.

**A ENCARNAÇÃO BEM ENTENDIDA,
“FEZ DE MIM UMA PESSOA”¹²**

Este ato criador do Deus dador de vida, significa radicalmente que não somos a origem de nós mesmos, que nascemos num mundo que nos foi dado, que chegamos a uma realidade que nos precede, que a nossa existência devemos-la a outras pessoas e esta realidade de dependência faz-nos entender algo muito mais profundo e radical: não somos autores de nós mesmos, recebemos a vida como um gesto de bondade e de amor, fomos criados para viver com a mesma vida de Deus.

Ao longo dos seus escritos Poveda insistirá em que as ideias emergentes na cultura do seu tempo não tinham por que se excluir reciprocamente e que estas ideias deveriam entabular um diálogo com a fé, frutífero para a cultura, superando contradições aparentemente insuperáveis: dúvida-fé, ciência-filosofia, evolução-traição. Para Poveda, escreve a professora F. Elizondo, “não havia incompatibilidade entre a liberdade e a autonomia dos seres humanos e o reconhecimento do Criador”. A religião a Deus como constitutiva do humano foi uma convicção de base no humanismo de Poveda como o foi na sua proposta educativa: identificou a mais alta maneira de ser humano, acolhendo o Deus que cria e recria o nosso ser¹³.

Por isso, desde o nosso nascimento estamos marcados por uma característica própria do ser humano: o desejo, o desejo de ser, de ser em plenitude, de viver plenamente, de realizar-se totalmente. O desejo é esse motor único e necessário que nos mobiliza e nos impulsiona para o sonho que Deus tem sobre cada um de nós ao dar-nos a vida, uma vida que leva em germen a nossa própria plenitude. *Vim para que tenhais vida e vida em abundância*¹⁴. Esse é o sonho de Deus sobre o ser humano, sobre cada um de nós. Uma vida plena, uma vida em abundância.

Experiências humanas como são o amor e a amizade fazem-nos ver que somos seres de desejo, de crescimento e ao mesmo tempo, experimentamos que o desejo nunca se satisfaz plenamente. Para Agostinho, Deus está perto de todo o ser humano, do seu coração e da sua razão e que no mais fundo de cada ser humano há uma procura misteriosa e permanente: *Fizeste-nos, Senhor, para ti e o nosso coração está inquieto até que descanse em ti*¹⁵.

11 *Creí, por esto hablé*, Pedro Poveda, [84], 1917.

12 Testemunho de um habitante das “cuevas” de Guadix.

13 Maria Dolores Gómez-Mollada, Felisa Elizondo, *Creí, por esto hablé*, página 314.

14 Evangelho de São João 10,10.

15 Santo Agostinho, *As Confissões* (I, I, I).

É outra maneira de expressar que em todo o desejo humano está o eco de um desejo maior, de uma plenitude feita de proximidade e de distância do outro e do OUTRO, do próximo e da transcendência, do gesto de amor criador da nossa própria existência e de todos os gestos de amor que cada dia continuam a dar-nos a capacidade de viver, de existir, de “nos fazermos pessoas”, como diria o habitante das “cuevas” de Guadix.

A Encarnação bem entendida é a melhor maneira de crer na beleza da pessoa humana, na sua capacidade de se realizar no dia a dia, no seu desejo de amar e de querer alcançar a plenitude do ser.

O desejo de Deus, da transcendência, da beleza e da bondade, o desejo de entrar em relação com o outro, de o conhecer, de o amar e também de se deixar amar e conhecer, marca as nossas vidas para sempre. É a melhor prova de que somos seres de desejo. Por isso nos diz Santa Teresa: *Pobre alma a que até em desejos se contenta com pouco. Porque o Senhor não só dá desejos, mas forças para os pôr em obras*¹⁶.

A experiência de nos sabermos chamados à plenitude do ser assemelha-se à experiência do caminhante que atravessa cruzamentos e encruzilhadas, que experimenta subidas e descidas na sua atitude na sua capacidade de receber e de partilhar, de acolher e de dar ao longo do caminho.

O desejo de plenitude está feito de avanços e de retrocessos, de desvios e de saídas do caminho, mas também desse cruzar de olhares que nos recriam, nos salvam, nos fazem pessoas porque voltam a situar-nos na boa direção.

Quando sentimos a insegurança da escuridão, a perturbação dos ruídos desconhecidos, o medo de avançar nas trevas, oxalá escutemos, como o cego, uma voz que nos pergunta: *Que queres que faça por ti?*¹⁷ E possamos acolher esse olhar que nos permita ter esperança e fortaleza para romper barreiras, iluminar trevas e descobrir em cada olhar um irmão, uma irmã e em cada pessoa o rosto de Deus.

O olhar de Jesus ao jovem rico do Evangelho de Marcos¹⁸, permitiu-lhe sentir um vazio interior, sentir a falta de algo de fundamental na sua vida. Por isso pergunta-lhe: *Que devo fazer para herdar a vida eterna?* Na visão bíblica, a vida eterna é a plenitude de Vida que Deus deseja para nós. Procurava plenitude, procurava um ideal para onde caminhar.

E a resposta de Jesus é clara: “Vem e segue-me!” Não vivas a tua vida como uma sucessão de deveres, obrigações, normas, vive sabendo-te amado infinitamente, eternamente.

A plenitude de vida que Jesus lhe oferece é um amor com sabor de eternidade, um amor que não morre nunca, um amor de misericórdia, que perdoad, que acolhe e não exclui, um estilo de vida que a torna fecunda, generosa, porque abre a um horizonte infinito. Por isso o olhou com amor, diz o relato de Marcos. Convidou-o a aligeirar-se do que poderia centrá-lo nele, encerrar-se nele e propõe que se liberte daquilo que o impedia de olhar para fora, descobrir as necessidades dos demais, partilhar com eles. “Vai e partilha” Jesus entendeu que o seu maior obstáculo eram os seus próprios bens.

¹⁶ Santa Teresa, V (21, 5) 6M (6,3).

¹⁷ Marcos (10,46).

¹⁸ Marcos , 17-30.

Jesus não pede o mesmo a todas as pessoas com quem se vai encontrando no caminho. A riqueza pode tomar formas bem diferentes conforme as pessoas: não é só o dinheiro, podem ser os talentos que compartilhamos ou guardamos para nós mesmos, o tempo que damos ou negamos aos outros, um ar de superioridade no saber, no atesourar competências ou dons recebidos. “Só te falta uma coisa: vende, dá, partilha... Depois vem e segue-me”.

Oxalá descobramos o que nos falta para o seguir, ou dito de outra maneira o que nos impede de ser plenamente a pessoa que estamos chamados a ser.

Este encontro de Jesus aparentemente afigura-se um fracasso, como às vezes podemos ter experimentado na nossa própria vida, mas na realidade, não sabemos o que aconteceu... Esse olhar de amor de Jesus ao jovem rico, como gesto de amor, de confiança, de misericórdia, tem valor de eternidade, de abertura, de convite. É oferecer um caminho ao desejo de ser pessoa e talvez o jovem rico o tenha percorrido.

Quantas vezes um olhar, um gesto de acolhimento, de inclusão, de valorização da pessoa com quem nos cruzamos na nossa atividade quotidiana, pode ser para ela libertador porque suscita o gosto pela vida, pela relação com ela mesma e com os outros, capaz de reorientar a sua vida de novo.

Esta reflexão faz-nos entender que a *Encarnação bem entendida, o carácter eminentemente humano*, a pergunta: - que queres que faça por ti? Pede que se promova uma pedagogia do desejo, uma aprendizagem do desejo, uma purificação do desejo, que harmonize a procura que toda a pessoa humana tem de uma vida plena, realizada, como ser chamado à plenitude e o desejo de Deus que nos abre à transcendência, a uma vida com sabor de eternidade.

Só assim *o carácter eminentemente humano* pode alcançar a sua verdadeira profundidade: ser homens e mulheres capazes de combinar liberdade e responsabilidade, autonomia e solidariedade, personalidade própria e abertura ao outro e a Deus.

Vidas humanas que procuram criar e recriar uma experiência humana em Deus e a partir de Deus, com um perfil amável e atraente, deixando *que cada um seja como Deus lhe permita*, mas sendo para todos como deveis ser. (Santa Teresa, Livro da Vida 22,7).

Vidas que procuram o humano e procuram Deus, porque são vidas todas de Deus, do Deus encarnado na nossa história, que tomaram rosto humano em Jesus que é para a Obra inspiração, apoio, modelo, teoria, prática, tudo, em suma.

Para os homens, expressa Jesus no mesmo relato do jovem rico, isto pode parecer impossível mas não para Deus; porque para Deus tudo é possível ¹⁹.

É muito popular este poema, de autor desconhecido –que no entanto, há quem o atribua ao escritor português José Saramago–, que nos oferece uma interessante reflexão sobre “os possíveis” de uma vida movida pelo desejo.

¹⁹ Marcos , 27.

“Quantos anos tenho?

Que importa isso! Tenho a idade que quero e sinto!

A idade em que posso: gritar sem medo aquilo que penso...

Fazer o que desejo, sem medo ao fracasso, ou ao desconhecido...

Pois tenho a experiência dos anos vividos,

E a força, e a convicção de meus desejos.

Que importa quantos anos tenho! Não quero pensar nisso!

Pois uns dizem que já sou velho, enquanto outros “que estou no ápogeu”.

Porém não é a idade que tenho,

Nem o que as pessoas dizem, senão o que meu coração sente, e o meu cérebro me dite.

Tenho os anos necessários para gritar, o que penso,

fazer o que quero, reconhecer erros velhos,

retificar caminhos e somar êxitos

Agora não têm por que dizer: Estás muito jovem, não conseguirás!

Ou ... estás muito velho, já não poderás!

Tenho a idade em que as coisas se olham com mais calma

porém com o interesse de seguir crescendo.

Tenho os anos em que os sonhos se começam, a acariciar com os dedos,

e as ilusões se convertem em esperança.

Tenho os anos em que o amor, às vezes é uma louca lavareda,

ansiosa de consumir-se no fogo, de uma paixão desejada e outras vezes...

num remanso de paz, como o entardecer na praia.

Quantos anos eu tenho?

Não necessito marcá-los com um número,

pois os meus desejos alcançados, os meus triunfos obtidos

as lágrimas que pelo caminho derramei, ao ver as minhas sonhos truncados...

valem muito mais que isso.

Que importa, se tenho, trinta, quarenta cinquenta, sessenta, ou mais!

O que importa é a idade que sinto!

Tenho os anos que necessito para viver livre e sem medos.

Para continuar sem temor pelo carreiro pois levo comigo, a experiência adquirida,

e a força dos meus desejos

Quantos anos eu tenho?

Isso a quem importa!

Tenho os anos suficientes, para perder o medo, e fazer, o que quero e sinto.

Que importa quantos anos,

quantos tenho, ou quantos espero?

se com os anos que tenho... aprendi a querer o necessário,

e a agarrar... apenas o bom da vida!”

Cada dia experimentamos que a qualidade humana da nossa vida não depende do que fazemos, mas de como vamos caminhando para a plenitude do ser, independentemente de que sejamos homem ou mulher, jovem ou adulto, adolescente ou pessoa enriquecida e amadurecida pelo passar dos anos.

Vivemos numa época em que cada vez mais tomamos consciência da necessidade de promover o nível qualitativo do ser e de reduzir o nível quantitativo. É um novo paradoxo.

O desenvolvimento sustentável, o consumo responsável, a prioridade ao ser, o apostar por uma existência mais tranquila, simples e singela, é uma nova arte de viver que equilibra o que somos, o que fazemos e o que nos move, o sentido do para quê do nosso ser e atuar, que não se encerra em si mesmo, mas que se abre e se deixa interpelar pela dimensão coletiva.

Poveda, convencido como estava da força transformadora do evangelho, inspira também um modo de diálogo intergeracional respeitoso e autêntico, encaminhado a perguntarmo-nos como encontrar juntos caminhos e respostas esperançadoras para um desenvolvimento sustentável e integral para todos. Os jovens pedem de nós uma mudança. Eles perguntam-se como é possível que se pretenda construir um futuro melhor sem pensar na crise do ambiente e nos sofrimentos dos excluídos. (Assembleia ATA 2018).

De algum modo vamos entendendo que não somos felizes quando queremos que a realidade se adapte às nossas ambições, necessidades e sonhos e por isso nos sentimos chamados a deixar um certo nível de comparação, de busca desmedida de êxito para ir recuperando essa conexão com a nossa interioridade, que nos fala de outra abundância e de outra plenitude, a do nosso próprio ser, sendo pessoas eminentemente humanas abertas ao Outro e aos outros.

Quanto mais avançamos na vida espiritual, mais descobrimos que nem os mestres espirituais, nem os conselheiros podem fazer outra coisa senão favorecer que cada pessoa abra um espaço livre, interior, pessoal e único no qual possa descobrir e reconhecer o seu próprio caminho para Deus. A nossa verdadeira felicidade é a de nos deixarmos envolver por um amor total e incondicional.

Conhecer-se, discernir as suas emoções, as suas tensões, as suas necessidades, amar e cultivar os seus dons e as suas singularidades, enriquecendo-se com as dos outros, deixar-se tocar por aquilo que vivem os simples e os pobres, amar a sua própria fragilidade e a dos que nos rodeiam, são alguns critérios para chegar a ser plenamente humanos, plenamente espirituais.

E nesse caminho de crescimento espiritual, Henri Nouwen, assinala três dimensões essenciais entre as quais oscilam as nossas vidas e se mantêm numa certa tensão: a relação connosco mesmos, que se move entre o isolamento e a solidão, a relação com os outros, que se move entre a hostilidade e a hospitalidade e a relação com Deus, que se move entre a esperança e a oração.

É assim, como ao longo da nossa vida, podemos tomar consciência não apenas do isolamento que nos entristece, mas também da aspiração por uma certa solidão do coração; não apenas de sentimentos de hostilidade mas também do nosso profundo desejo de acolher os nossos irmãos e irmãs com uma hospitalidade incondicional; e ainda mais fundamental, não apenas das esperanças que nos fazem acreditar que somos mestres e donos do nosso destino, mas também e, sobretudo, do frágil dom de uma oração humilde e escondida no mais íntimo do nosso ser.

A vida espiritual, continua dizendo Nouwen, como chamada à plenitude do ser, é um caminho de crescimento, de tomada progressiva de consciência, de libertação de tudo aquilo que nos impede de viver em e do Espírito²⁰.

Convencidos, como nos recorda Pedro Poveda, de que toda a força, toda a segurança e toda a esperança, é de Deus, por Deus em Deus²¹.

REDESCOBRIR A CAPACIDADE HUMANIZADORA DA FÉ

No centro da nossa fé cristã está Jesus de Nazaré. Tudo quanto conhecemos e podemos dizer de Deus encontramos-lo no homem Jesus. E a nossa vida espiritual é identificarmo-nos, cada vez mais com a realização humana tal como Jesus a viveu.

Por isso a linguagem para comunicar Deus aos nossos contemporâneos é fazer-lhes entender na prática a qualidade humana da vida de Jesus: as suas opções, as suas buscas, a sua maneira de ser, de amar, de perdoar, de dar sentido à fragilidade humana.

A 7 de março de 19□em tempos de grandes reptos para o desenvolvimento da Instituição, Pedro Poveda escrevia: “*Porque ninguém pode colocar outro alicerce senão o que foi colocado, que é Jesus Cristo (...) Ele é o inspirador, o suporte, o princípio, o fim, o meio, tudo em suma*”²².

Estas suas palavras conhecidas e repetidas com frequência por todos os membros da Instituição, introduzem um dos documentos da Assembleia ATA 2018: inspiram-no, atravessam-no, assinalam o centro e o horizonte de procura e compromisso de missão e espiritualidade que os membros e associações da Instituição querem propor-se para o próximo sexénio.

O nosso presente também é tempo exigente e lança-nos uma pergunta incisiva e radical: que significa hoje, para a Instituição, na sua missão e espiritualidade próprias, ser e viver radicada neste único alicerce?²³

A *espiritualidade de encarnação* da Instituição Teresiana, continua a dizer a Assembleia ATA (a.e.), quer conjugar fé e mundo, história e escatologia, celebração e trabalho, mística e política, gratuidade e esforço, oração e compromisso, perspectiva crítica e têmpera de mansidão.

20 Nouwen H. *Los tres movimientos de la vida espiritual*, 1998.

21 Pedro Poveda, *Creí, por esto hablé*, [297], 1929.

22 Pedro Poveda, *Creí por esto hablé* [168], 1920.

23 *Sai da tua terra*, Assembleia ATA (a.e.) 2018.

Ser “buscadores” do humano cheio de Deus, pede-nos para redescobrir a capacidade humanizadora da fé, quer dizer, de viver e partilhar um novo estilo de humanizar: associados, relacionados, interdependentes.

É um estilo de fazer e de atuar, que só pode nascer de uma insistência muito querida a Pedro Poveda: estar cheios de Deus, só a partir daí pode haver frutos santos, não colocando a esperança apenas nos recursos humanos, mas na união e amizade com Deus.

Os homens e as mulheres de Deus são inconfundíveis. Não se distinguem por serem brilhantes, nem por deslumbrarem, nem pela sua fortaleza humana, mas pelos frutos santos, por aquilo que sentiam os apóstolos no caminho de Emaús quando iam em companhia de Cristo ressuscitado a quem não conheciam, mas sentiam os efeitos da sua presença²⁴.

É, com outras palavras, o convite da Assembleia ATA (a.e.) 2018:

“Escutamos a chamada para caminhar humildemente com o nosso Deus e para cultivar uma espiritualidade de encarnação que passa por reconhecê-lo e acolhê-lo em cada pessoa e realidade criada em que Ele habita.

Escolhemos caminhar com Jesus acompanhando pessoas e grupos e queremos viver uma espiritualidade itinerante e inclusiva que se exercita na hospitalidade, uma espiritualidade compassiva que nos faz próximos dos feridos no caminho, uma espiritualidade libertadora que nos fortalece e nos une para o bem”.²⁵

Associados, relacionados, interdependentes, é o estilo com que queremos caminhar entre as pessoas, com as pessoas, com as famílias, com os jovens, com as pessoas de boa vontade e fazê-lo como testemunhas, implicadas no curso da história, como mergulhadores, explorando caminhos de uma nova humanidade, como vigias, comprometidas com um futuro inclusivo para todos²⁶.

EM CHAVE DE DISCERNIMENTO

Na Assembleia de todas as Associações (a.e.) 2018, fomos vivendo um processo de construção coletiva em chave de discernimento comunitário. A oração que em 1933 Pedro Poveda escreveu:

*Senhor que eu pense o que tu queres
que pense, que eu queira o que tu
queres que queira, que eu diga o que tu
queres que diga, que eu atue como tu
queres que atue,*

guiou, orientou e sobretudo inspirou o nosso trabalho. Ajudou-nos a refletir, a dialogar, a perceber diferenças e a integrá-las para poder, em comunhão, chegar a acordos.

²⁴ *Creí, por esto hablé* [210], 1925.

²⁵ *Creí, por esto hablé*, [154] 1920.

²⁶ Cfr n.8.

Quisemos abrir-nos, como membros da assembleia a um processo de discernimento comunitário a partir do documento de estudo “*Sai da tua terra*”, com o fim de escolher os compromissos de missão e espiritualidade que o espírito nos ia sugerindo, como resultado do processo. Sentimo-nos parte de uma comunidade universal e portanto diversa e que, nos diferentes contextos, se tinha posto à escuta de Deus, à escuta dos sinais dos tempos. Sentimo-nos apoiados por uma comunidade que, à luz do Evangelho e do carisma, tinha orado, estudado, dialogado e localmente já tinha discernido por onde a levava hoje o espírito, que caminhos eram os proféticos para viver e partilhar nessa realidade a nossa vocação-missão.

Queremos tomar esta experiência como báculo e referente para o nosso caminhar neste sexénio, porque sentimos que o espírito nos conduz por esta chave do discernimento.

Para viver, partilhar e aprofundar, as orientações da Assembleia, sendo *eminentemente humanas e todas de Deus*, precisamos de nos exercitar na arte do discernimento e fazê-lo a nível pessoal, associativo e institucional.

Alguns critérios podem ajudar-nos a avançar como povo em marcha, como pessoas e comunidades discernidoras.

Em primeiro lugar, a certeza de que o discernimento é um dom do Espírito, que devemos invocar: *Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!* (Lucas 11, 13)

E é um dom do Espírito que atua em nós, através do que somos, das nossas capacidades, dons e carismas e também através das nossas fragilidades, erros e até do nosso pecado.

Por isso é necessário ver, escutar e pensar, começando por uma experiência profunda de interiorização, de oração, de acolhimento à Palavra.

Viver em chave de discernimento espiritual implica ser um ouvinte assíduo da Palavra, um servo da Palavra a quem cada manhã o Senhor abre os ouvidos para que escute como um discípulo (cfr. Isaías 50, 4); estabelecer amizade com a Palavra encarnada que é Cristo; permanecer, conscientes da presença operante e viva da Palavra de Deus, conservando-a no coração, de forma a que brote e dê fruto.

Só assim chegaremos a adquirir uma certa capacidade, um sentir, um “sentido espiritual” que nasce da escuta da consciência, do mais fundo do coração, que sabe reconhecer a presença do Senhor e a manifestação da sua vontade.

É um caminho pessoal e comunitário, que podemos aprender juntos para fazer crescer em nós uma sensibilidade espiritual necessária hoje para acompanhar e caminhar com outros, sobretudo as pessoas que a Assembleia nos apresenta como companheiros prioritários de caminho destes seis anos: as famílias, os jovens, os diferentes, todas as expressões e manifestações de diversidade, de injustiça, de exclusão, que não conhecemos e a quem queremos abrir-nos.

Se aprendermos assim a decidir juntos, as decisões, as concretizações que a Assembleia nos pede serão experiências de vida e de serviço, fruto de um amor incondicionado, o amor de Deus manifestado em Jesus. Decisões em que nos sentiremos empenhados, comprometidos, solidários, orientadas para um único fim: amar mais, amar melhor.

O Papa Francisco recordou-o no dia 2 de março de 2017 dirigindo-se aos párocos de Roma: “Neste momento, discernimos como concretizar o amor no bem possível, em consonância com o bem do outro” porque “o discernimento do amor real, concreto e possível no momento presente, em favor do próximo mais dramaticamente necessitado, faz com que a fé se torne ativa, criativa e eficaz”.

É o discernimento que Teresa de Jesus nos propõe quando diz: Assim haveremos de ser. Deixemos pois a última palavra à “Santa”:

Já haveis visto a grande empresa que pretendemos alcançar; como haveremos de ser para que aos olhos de Deus e do mundo, não nos tenham por muito atrevidas?...²⁷

Está claro que temos necessidade de trabalhar muito. Assim haveremos de ser: eminentemente humanos e todos de Deus.

Por isso este ano de pôr em marcha as orientações das Assembleias de 2018 vamos unir-nos num grande desejo que vos proponho partilhar e dar a conhecer a todas aquelas pessoas que se inspiram na espiritualidade de encarnação:

**Senhor, sê para nós caminho, verdade e vida.
Faz-nos homens e mulheres eminentemente humanos, de Deus.**

Maite Uribe

²⁷ Santa Teresa, *Caminho de Perfeição* capítulo 4.